

QUILOMBISMO URBANO E SUAS RESILIÊNCIAS EM SÃO PAULO

Luiz Vinícius Cardoso de Sena¹
Luciene Cristina Risso²

RESUMO

O quilombismo urbano é sustentado por uma resiliência histórica que se expande até os dias atuais, incorporando elementos dos movimentos negros contemporâneos através da arte, da política e da educação para o fomento das autoafirmações socioculturais. As medidas adotadas por essas organizações negras se baseiam na ancestral tecnologia do quilombamento cultural, resultando em complexas dimensões espaciais a serem exploradas por meio das corporeidades. Logo, o objetivo deste artigo foi analisar as estratégias empregadas em três grupos na construção das espacialidades negras no município de São Paulo, a Casa Amarela Quilombo Afroguarany, a Comunidade Quilombaque e o Coletivo Capoeira Para TodEs. Como metodologia, adotaram-se diálogos entre os fundamentos das Geografias Negras e a Nova Geografia Cultural, permitindo o entendimento das imaterialidades relacionadas às dimensões raciais do espaço geográfico mediante as vivências na produção de paisagens simbólicas negras. Ao compreender essas manifestações, evidencia-se que cada grupo possui distinções em suas estruturas, considerando suas pautas, localidades geográficas e historicidades. No entanto, se alicerçam nas temáticas do quilombismo urbano contemporâneo ao enfatizarem suas inspirações etnográficas em ações culturais, superando as tradicionais dicotomias entre centro urbano e periferia, assim como lugares fixos ou descontínuos. Dessa forma, este estudo revela novas vertentes dos movimentos negros por meio das manifestações geográficas do quilombamento cultural urbano, que recria itinerários atendendo aspectos simbólicos *Queer*, ressignificações patrimoniais e reivindicações da negritude nas favelas. Salientando que a espacialidade negra não se restringe ao espaço físico, mas abrange corpos carregados de ancestralidade, desafiando estereótipos sobrepostos nas corporalidades afrodiáspóricas.

Palavras-chave: Aquilombamento Cultural, Geografias Negras, Movimento negro, Espacialidades negras, Paisagens simbólicas.

RESUMEN

El quilombismo urbano se sustenta en una resiliencia histórica que se expande hasta el día de hoy, incorporando elementos de los movimientos negros contemporáneos a través del arte, la política y la educación para fomentar la autoafirmación sociocultural. Las medidas adoptadas por estas organizaciones negras se basan en la antigua tecnología del quilombamento cultural, lo que da como resultado dimensiones espaciales complejas que deben ser exploradas a través de la corporalidad. Por lo tanto, el objetivo de este artículo fue analizar las estrategias utilizadas en tres grupos en la construcción de espacialidades negras en la ciudad de São Paulo, Casa Amarela Quilombo Afroguarany, Comunidade Quilombaque y Coletivo Capoeira Para TodEs. Como metodología, se adoptaron diálogos entre los fundamentos de las Geografías Negras y la Nueva Geografía Cultural, permitiendo la comprensión de inmaterialidades relacionadas con las dimensiones raciales del espacio geográfico a través de experiencias en la producción de paisajes simbólicos negros. Al comprender estas manifestaciones, queda claro que cada grupo

¹ Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” - UNESP Rio Claro, luiz.sena@unesp.br;

² Professora orientadora: Doutora em Geografia, Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” - UNESP Rio Claro, luciene.risso@unesp.br.

tem distinções em suas estruturas, considerando suas agendas, ubicaciones geográficas e historicidades. Sin embargo, se basan en los temas del quilombismo urbano contemporáneo al enfatizar sus inspiraciones etnográficas en acciones culturales, superando las tradicionales dicotomías entre centro urbano y periferia, así como lugares fijos o discontinuos. De esta manera, este estudio revela nuevos aspectos de los movimientos negros a través de las manifestaciones geográficas del quilombamento cultural urbano, que recrea itinerarios teniendo en cuenta aspectos simbólicos Queer, resignificaciones patrimoniales y reivindicaciones de negritud en las favelas. Destacando que la espacialidad negra no se restringe al espacio físico, sino que abarca cuerpos cargados de ascendencia, desafiando estereotipos superpuestos a las corporalidades afrodiaspóricas.

Palabras clave: Aquilombamento cultural, Geografías negras, Movimiento urbano negro, Espacialidades negras, Paisajes simbólicos.

INTRODUÇÃO

Nos anos 1970, os movimentos negros brasileiros realizaram avanços significativos tanto em termos intelectuais quanto políticos. Estes avanços tinham como objetivo central promover as identidades e organizações negras, bem como criar espaços de afirmação que refletissem suas histórias e culturas (MOURA, 1983). Um dos principais líderes intelectuais nesse contexto foi Abdias do Nascimento (1979), que introduziu o conceito de quilombismo como a ação destinada a valorizar politicamente as tradições e culturas afro-brasileiras, dando prioridade à produção cotidiana do povo negro com base em seus próprios fundamentos (NASCIMENTO, 1979).

Outra crucial contribuição intelectual foram os trabalhos de Beatriz Nascimento, que enfatizou a importância dos símbolos e significados presentes nas experiências quilombolas, destacando os imaginários negros derivados das experiências afrodiaspóricas. Dessa forma, o quilombo transcende sua dimensão física de refúgio e se torna uma dimensão simbólica fundamental para a preservação e construção de memórias e valores inspirados nas tradições do povo negro (NASCIMENTO, [1985] 2006).

O geógrafo Alex Ratts a partir das reflexões da historiadora também ressalta a relevância do corpo negro como um documento vivo, um espaço carregado de significados e manifestos de identidades. Logo, o corpo negro presente em espaços predominantemente ocupados por negros representam não apenas encontros físicos, mas também encontros simbólicos que envolvem suas histórias e culturas (RATTS, 2006).

Nesse sentido, se compila o conceito de aquilombamento, como as práticas históricas das culturas afro-brasileiras que envolvem as criações de espaços de resistências e autonomias por comunidades negras, que enfrentam a diáspora negra e a marginalização (NASCIMENTO,

(1985-2006). Desse modo, o aquilombamento historicamente contido com meio da formação de quilombo, resurge no debate atual ressignificado como a tecnologia ancestral e social essencial para a sobrevivência das identidades culturais negras, podendo ser incorporado por meio de práticas artísticas e ativismo político, demonstrando as potencialidades nas ressignificações de territórios e transformações sociais (SOUTO, 2020).

Em vista disso, percebe-se nas últimas décadas a insurgência de itinerários dos movimentos negros na cidade de São Paulo, realçados em pautas raciais, de gêneros e culturais que implicam na espacialidade dos corpos negros. Possibilitando investigar as formas de resistência que emergem na contemporaneidade, a partir de perspectivas geográficas culturais enegrecidas e antirracistas, por meio da análise da tecnologia social do aquilombamento.

Assim, foram exploradas as iniciativas da ocupação Casa Amarela Quilombo Afroguarany, Comunidade Cultural Quilombaque e do Coletivo Artístico Multicultural LGBTQIAPN+ (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transsexuais e Travestis, Queer, Interssexo, Assexuais, Panssexuais e Não-binário) Capoeira para TodEs. O objetivo é compreender as estratégias de resistência empregadas por esses grupos na construção das espacialidades negras pela noção das dimensões simbólicas e raciais.

Portanto, o artigo foi estruturado em duas seções principais: a primeira aborda a compreensão das múltiplas identidades do aquilombamento cultural, além da importância do corpo negro como território e documento nas formações identitárias de paisagens simbólicas. Na segunda seção, apresentaremos os grupos de estudo, visando entender as dimensões das manifestações de resiliência do quilombismo urbano no município de São Paulo.

METODOLOGIA

Considerando as contribuições da geógrafa Geny Ferreira Guimarães (2019, 2020), ao analisar as premissas para a construção de métodos e metodologias que possibilitem pesquisas com perspectivas antirracistas e enegrecidas para as Geografias Negras. Destaca-se a necessidade de “repensar a historiografia da Geografia a partir de rasuras”, propondo novos debates epistemológicos “a partir de si próprio, desde dentro” (GUIMARÃES, 2019, p. 594).

Assim, selecionamos obras majoritariamente de pesquisadores(as) negros(as), a fim de direcionar uma dimensão racial do espaço pelas vivências e experiências, relacionando com perspectivas da Nova Geografia Cultural, com intuito de compreender as subjetividades e imaterialidades das manifestações culturais do aquilombamento cultural como meio da espacialidade negra.



Portanto, os procedimentos metodológicos debatidos nas Geografias Negras, foram empregados na condução deste estudo por meio de revisões bibliográficas afrocentradas e interdisciplinares. Em sequência, sistematizações das informações de reportagens midiáticas e contatos em redes sociais que auxiliaram na seleção dos aspectos que promoviam as essências do quilombismo por meio das atividades de aquilombamento cultural.

Outrossim, realizamos trabalhos de campo nos anos de 2022 e 2023 com a finalidade de vivenciar, (re)conhecer e participar das atividades dos movimentos analisados. E por fim, as compilações das reflexões afrodiaspóricas com as perspectivas da Nova Geografia Cultural, implicando no reconhecimento das vivências por meio das estratégias e memórias das comunidades que, muitas vezes, são marginalizadas e invisibilizadas na produção do conhecimento geográfico.

REFERENCIAL TEÓRICO

1. Aquilombamento cultural

Durante o período colonial, a supremacia branca, ao se posicionar como a entidade colonizadora, impôs mudanças culturais e estabeleceu sistemas de segregação com base em ideologias racistas sobre os povos negros e indígenas. Como resultado, nas épocas contemporâneas, essas relações de dominação têm conduzido à padronização e legitimação de princípios discriminatórios, perpetuando a exclusão e subordinação contínuas desses grupos por meio dos processos sociais, culturais e políticos que moldaram a formação do Brasil (ALMEIDA, 2018).

Neste contexto, as resistências persistentes das comunidades negras diante das opressões presentes em diversas esferas possibilitam resgatar uma ação intrinsecamente ligada aos Movimentos Negros (MN): o ato de "aquilombar-se". Conforme destacado pela escritora e ativista Conceição Evaristo no poema "Tempo de nos aquilombar" de 2020, é chegada a hora de estabelecer novos quilombos onde quer que haja presença de corpos negros. Seja no passado, como no século XVI, com a insurgência contra a escravidão, ou no contexto atual, na promoção de uma narrativa negra que permita a construção de identidades transculturais baseadas no direito à memória coletiva e na busca por reparação histórica e social.

A artista e teórica Grada Kilomba, em sua obra "Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano" de 2019, ao discutir as dimensões da memória-trauma dos corpos negros em relação ao colonialismo, ressalta os conflitos étnicos, estéticos e de classe que contribuem para a consolidação de símbolos e memórias relacionados a corpos e territórios marginalizados.



Nessa perspectiva, há uma constante luta contra a ordem estabelecida pelo mundo dominante, evidenciando a durabilidade do racismo como um opressor das dores ancestrais.

Sendo assim, o racismo estrutural, considerado como uma reiteração do passado colonial ou uma realidade traumática vivenciada pelas comunidades negras, destaca-se pelos impactos das violências do cotidiano, manifestando-se por meio de linguagem, ações, gestos e olhares (KILOMBA, 2019). Isso condiciona, de forma institucional e estrutural, uma negação da identidade negra devido à falta de reconhecimento e afiliação aos sujeitos negros, em consonância com as reflexões e preocupações de Evaristo (2020) sobre a importância do movimento de "aquilombar-se" em prol da resistência e da inclusão da comunidade negra.

Em vista disso, o antropólogo Kabengele Munanga, em sua obra "Negritude: usos e significados" de 2019, destaca que as mobilizações e trajetórias dos movimentos negros brasileiros são baseadas nas necessidades de reivindicações em várias esferas sociais, buscando constantemente a emancipação das diásporas negras. Dessa forma, as ações contínuas do fomento pelas negritudes, visam enfrentar as pressões da sociedade, que está profundamente arraigada a uma ideologia de supremacia branca, impulsionando a cultura, a educação e a escrita ao longo da história desses movimentos como instrumentos de conscientização dos oprimidos e de descolonização (MUNANGA, [1986] 2019; KILOMBA, 2019).

Segundo Aimé Césaire ([1987] 2010), que cunhou o termo Negritude, define como uma maneira de vivenciar a história dentro da história. Isso está relacionado à experiência única de uma comunidade marcada por deportações de populações, deslocamentos intercontinentais de indivíduos, memórias distantes e fragmentos de culturas extintas. Dessa forma, a Negritude se reinscreve na reformulação das identidades negras. O autor destaca:

[...] em seu estágio inicial, pode ser definida principalmente como tomada de consciência da diferença, como memória, como fidelidade e como solidariedade. Mas a negritude não é apenas passiva. Ela não é da ordem do esmorecimento e do sofrimento [...] nem da ordem do patético nem do choramingo. A negritude resulta de uma atitude proativa e combativa do espírito. Ela é um despertar; despertar de dignidade. Ela é uma rejeição; rejeição da opressão. Ela é luta; luta contra a desigualdade. Ela é também revolta (CÉSAIRE, [1987] 2010, p.109).

Em diálogo, Munanga ([1986] 2019), fomenta que no Brasil contemporâneo, a identidade negra é uma realidade amplamente discutida, porém, sem uma definição clara de seu significado. A identidade objetiva, baseada em características culturais e linguísticas descritas por estudiosos, muitas vezes é confundida com a identidade subjetiva, que é como o próprio grupo se define ou como é definido pelos grupos vizinhos.

Considerando que a construção da identidade surge da consciência das diferenças entre

"nós e outros", é improvável que todos os negros possuam o mesmo grau de consciência, uma vez que vivem em contextos socioculturais distintos. Portanto, não podemos afirmar a existência de uma unidade de comunidade identitária cultural entre grupos negros que vivem em diferentes comunidades religiosas, como terreiros de candomblé, evangélicos, católicos, entre outros, em comparação com a comunidade negra engajada e politizada em relação à questão do racismo, ou com as comunidades remanescentes dos quilombos (MUNANGA, 2019).

Assim, para abordar essa diversidade contextual, é necessário considerar fatores essenciais na construção da identidade coletiva, como as corporalidades, o histórico, o linguístico e o psicológico. Logo, é importante ressaltar que o embate cultural e a articulação da diferença resultam numa consciência das posições dos sujeitos, e na descentralização de uma suposta universalidade, o que confere pelas corporalidades às margens a chance de se autorrepresentar.

Diante disso, tais indagações destacam a complexidade de determinar a negritude pelas múltiplas identidades negras, provocando um diálogo fundamental nas esferas do subjetivo e do imaterial, e conseqüentemente enfatizando a importância de compreender o corpo negro como documento e território. Nesta perspectiva, o conceito de corpo documento reconhece que os corpos negros são receptáculos das lutas e reivindicações dos movimentos, constituindo-se como uma dimensão espacial simbólica afrodiaspórica (NASCIMENTO, [1985] 2006).

Nesse contexto, as potencialidades do corpo negro são concretizadas quando ele encontra outros corpos, estabelecendo variadas conexões através de suas memórias ancestrais e vivências. Esses encontros são fundamentais para a criação de espaços de troca, resistência e fortalecimento coletivo, nos quais as narrativas e experiências negras são valorizadas e celebradas, tornando-se atos de aquilombamentos (NASCIMENTO, [1985] 2006).

Assim, destaca-se essa ação de busca e promoção cultural, através do aquilombamento, ao qual se fundamenta por “uma dimensão secular de resistência e luta dos africanos e seus descendentes, muitas vezes em conjunto com indígenas e até brancos” (SOUZA, 2008, p. 41). Portanto, é um fenômeno de inúmeras facetas a partir das reivindicações de direitos fundamentais para sua (re)existência, além da promoção do sentimento de pertencimento sobre suas heranças através de seus elementos simbólicos (SOUZA 2008; SOUTO, 2020).

Em vista disso, o ato do aquilombamento percute na proposta quilombista como uma tecnologia social ou como recurso cultural³ para fomentos das identidades negras, por meio de

³ Nas esferas dos debates sobre patrimonialização materiais e imateriais, Ailton Krenak destaca a importância de entendermos lugares e elementos identitários das culturas indígenas como recursos para o pertencimento,

variadas dimensões simbólicas em relação ao âmbito do vivido. Por conseguinte, o movimento de se aquilombar reverbera na composição de paisagens simbólicas, elementos e signos de afeto que continuamente promovem a função de pertencimento por meio da produção da negritude em busca da construção de uma memória coletiva.

Logo, as subjetividades e imaterialidades das ancestralidades do aquilombamento cultural se alicerçam no reconhecimento de suas culturas, as quais foram estruturalmente marginalizadas e invisibilizadas. Outrossim, fundamentam a importância das propostas do quilombismo de Nascimento (1979), que salienta as dinâmicas simbólicas para o pertencimento e identificação.

Assim, buscam a promoção do quilombo como poder e o indivíduo como quilombo, promovendo formas de negritudes constantes através da produção política, cultural e estética do corpo negro, seja pelas antigas ou novas rodas de capoeira, de samba, de griots, de teatros, entre outras manifestações artísticas e culturais que se copilam em espaços simbólicos do aquilombamento cultural.

O psiquiatra e filósofo político Frantz Fanon, em sua obra "Pele Negra, Máscaras Brancas" de 1952⁴ e traduzida pelo Renato da Silveira em 2008, ressalta a relevância do reconhecimento dos elementos da cultura preta, destacando que, independentemente do local em que estejam, os pretos continuam sendo pretos. É fundamental reconhecer as experiências e trajetórias individuais e coletivas, que reivindicam e valorizam as culturas, as histórias e as conquistas do povo preto (FANON, [1952] 2008, p.149).

Essas perspectivas do autor, juntamente com as contribuições de Grada Kilomba (2018), enfatizam a necessidade de valorizar a identidade e as contribuições dos pretos, combatendo a negação e a invisibilidade impostas diariamente pela supremacia branca. Nesse sentido, é fundamental compreender as formas pelas quais é possível alcançar esse ideal de resistência e "resgate" no contexto do aquilombamento cultural do movimento negro urbano, que se manifesta por meio de múltiplas camadas de identidades e corporalidades.

2. Corpo memória e paisagem simbólica

De acordo com Eduardo Oliveira Miranda (2018), a noção de corpo-território sugere que o indivíduo é capaz de compreender e interpretar o ambiente que o cerca a partir do próprio

desvinculando a necessidade da institucionalização para o reconhecimento desses vínculos culturais. KRENAK, Ailton; CAMPOS, Yussef. Lugares de Origem. São Paulo: Jandaíra, 2021.

⁴ Publicado originalmente como "*Peau noire, masques blancs*" Éditions du Seuil. France: 1952.

corpo, resultando em uma territorialidade em movimento que carrega consigo a bagagem cultural adquirida ao longo de sua trajetória. Essa abordagem enfatiza a importância das corporeidades negras na potencialização de lugares e tradições de referências culturais afro-brasileiras, as quais são fundamentais para as resistências culturais e a reconstrução das identidades contemporâneas (MIRANDA, 2018).

Essa concepção do corpo negro como documento e território também em consonância com as reflexões e estudos realizados por Alex Ratts (2006), que investiga as relações entre corpo, memória e identidade na perspectiva da diáspora africana. Nos permitem entender como o corpo negro se torna um locus de expressão e preservação da história e cultura negra, carregando consigo as marcas das experiências individuais e coletivas de resistência.

Ao considerar o corpo negro como fator de transcendência no movimento de quilombamento, reconhecemos sua capacidade de produção de conhecimento. Possibilitando que estes encontros entre corpos, recriem lugares de afirmações, de ressignificações e emancipações das próprias existências.

Nesse sentido, compreender o corpo negro como documento e território é essencial para a compreensão das lutas e conquistas do movimento negro no processo de quilombamento, assim como para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária. Alex Ratts (2006) complementa:

o corpo é também pontuado de significados. É o corpo que ocupa os espaços e deles se apropria. Um lugar ou uma manifestação de maioria negra é “um lugar de negros” ou “uma festa de negros”. Não constituem apenas encontros corporais. Trata-se de reencontros de uma imagem com outras imagens no espelho: com negros, com brancos, com pessoas de outras cores e compleições físicas e com outras histórias (RATTS, 2006, p. 68).

Por conseguinte, o quilombo se constitui nos indivíduos, assim como os indivíduos participam e compõem o quilombamento, resultando em ativos históricos do MN, como também um continuum aglomerado de culturas na paisagem. Logo, a relação presente entre a paisagem e as memórias ancestrais nas experiências, ao copilarem conjuntos de signos e significados que se estruturam em seus encontros e percepções no espaço geográfico, criam possibilidades para o pertencimento de corpos construídos simbolicamente nas culturas e histórias (COSGROVE, [1989] 2012; GOMES, 2011b).

A cientista social Flavia Pimentel Lopes Futata, em seu artigo intitulado "Manifestações da cultura afrodiaspórica: um diálogo entre o tempo e os processos de transmissão de saberes" publicado em 2021, complementa que o corpo desempenha um papel central nas celebrações

culturais afrodiaspóricas. Não se resume em apenas servir como um suporte para a expressão de conhecimento, mas também é um gerador de significados e saberes, ao promoverem rupturas entre o passado e o presente, realça a importância do sentir e do pensar para a compreensão das resistências e das heranças ancestrais africanas.

O corpo tem a capacidade de evocar Áfricas imaginárias ao mesmo tempo em que se conecta a essa herança. Assim, o corpo desempenha o papel de mediador e condutor das identidades, incorporando variedades de signos e significados na espacialidade negra (FUTATA, 2021, p.188).

No documentário "Ôrí," dirigido por Raquel Gerber em 1989 e que inclui uma entrevista com a historiadora Beatriz Nascimento, é destacada a importância do corpo na construção da identidade. O corpo é considerado tanto individual quanto coletivo, pois carrega as marcas e memórias da subalternização histórica que historicamente categorizou o corpo negro como feio, exótico e inferior. No entanto, o corpo também registra as histórias e migrações das comunidades negras.

Por isso, Nascimento durante a narração afirma:

[...] a memória são os conteúdos de um continente, da sua vida, da sua história, do seu passado. Como se o corpo fosse o documento. Não é à toa que a dança para o negro é um fundamento de libertação. O homem negro não pode ser liberto, enquanto ele não esquecer o cativo, não esquecer no gesto, que ele não é mais um cativo (NASCIMENTO, 1989, 41-42min).

Portanto, de acordo com as contribuições de Beatriz Nascimento (1989) e as compreensões de Ratts (2006), o corpo negro pode ser visto como aquele que carrega a herança das lutas por liberdade, e que busca e constrói lugares de referência, sejam transitórios ou duradouros. Logo, as artes e seus elementos corporais desempenham um papel crucial na formação da identidade negra, pois o corpo não apenas repete padrões estabelecidos, mas também os institui, os interpreta e os revisa em um processo dinâmico de recriação.

É importante ressaltar a natureza meta-constitutiva dessas tradições performáticas, nas quais a ação não exclui o processo reflexivo. O conhecimento se entrelaça com a forma, enquanto a memória é continuamente registrada, transmitida e transformada dinamicamente pelo corpo. Portanto, o corpo nessas tradições não é simplesmente uma representação ilustrativa do conhecimento dramático, mas sim um espaço de saberes em constante movimento de recriação, referência e transformação do corpus cultural (MARTINS, 2002, p. 88-89 apud FUTATA, 2021, p.188).

O filósofo Eduardo David de Oliveira, em sua tese "Filosofia da ancestralidade: corpo e mito na filosofia da Educação Brasileira" de 2005, dialoga com tais pensamentos ao argumentar que o corpo desempenha um papel fundamental nos saberes afrodiaspóricos, visto que é "a base da experiência". Isso envolve a percepção de que o corpo atua como gerador de conhecimentos que abrangem a riqueza do aspecto sensorial, apresentando uma variedade de formas de expressão que não se confinam só na esfera racional.

Nesse sentido, ao fundamentar o corpo como mediador, potencializador e produtor de saberes, torna-se simbólico na perspectiva afrodiaspórica. Afinal, como o pesquisador salienta:

[...] O corpo nunca pode ser reduzido a um conceito, pois é território da cultura, portanto, locus da experimentação. O corpo, ao mesmo tempo, significa e é significado, interpreta e é interpretado, representa e é representado. O corpo é, ao mesmo tempo, índice, ícone e símbolo. Daí que o corpo não é apenas um organismo biológico, mas um tecido cultural (OLIVEIRA, 2005, p. 136).

Segundo Kabengele Munanga e Nilma Lino Gomes em "O negro no Brasil de hoje" de 2006, comentam que ao longo das Américas e especificamente no Brasil, a população negra utilizou seu corpo como uma poderosa ferramenta de resistência sociocultural e como agente de emancipação da escravidão. Por meio da religiosidade, da dança, da luta e da expressão, o corpo tornou-se o caminho escolhido para o combate, a resistência e a construção das identidades negras (MUNANGA; GOMES, 2006, p. 152).

Diante desse contexto, torna-se evidente a relevância de integrar as diversas abordagens das Geografias Negras com os princípios da Nova Geografia Cultural. Pois, essas esferas buscam compreender as subjetividades e imaterialidades das expressões culturais de maneira crítica, indo além das análises quantitativas. Estabelecendo conexões entre o corpo como território, os elementos urbanos no contexto econômico e histórico, bem como os percursos da diáspora negra que fundamentam a reconstrução do espaço geográfico por meio dos símbolos e significados presentes na paisagem.

Denis Cosgrove, em seu texto "A geografia está em toda parte. Cultura e simbolismo nas paisagens" de 1989 e traduzida em 2012, identifica conjuntos de ações e práticas passadas por gerações como uma tentativa de conceitualizar a cultura e o pertencimento. O pesquisador fundamenta que as subjetividades contidas no âmbito do vivido, relacionadas aos elementos reproduzidos como uma "arte coletiva" de tradição e resistência, sustentam a produção de paisagem simbólicas.

Assim, a paisagem simbólica ao ser relacionada com a prática do aquilombamento cultural, expressa-se carregadas de sentidos e investidas de afetividades, tornando-as

valorizadas no âmbito da construção identitária das comunidades que frequentam ou habitam aquele local. Logo, os fazeres humanos que atribuem e organizam os significados na paisagem através de seus símbolos, tornam-se presentes na mediação entre as identidades e pertencimentos (COSGROVE, [1989] 2012).

Portanto, ao analisar o contexto da produção da negritude e a formação da paisagem, é possível abordar como o corpo negro se torna um símbolo carregado de significados culturais e históricos. Nesse sentido, é viável relacionar os movimentos de aquilombamento cultural a partir do corpo negro na espacialidade, pois é composto por dimensões raciais e simbólicas através de signos que representa a presença, a identidade e suas manifestações contemporâneas variadas de acordo com o contexto geográfico e cultural.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

1. Quilombo Afroguarany

Ao ponderarmos a insurgência do movimento de aquilombamento cultural urbano, salienta-se, a ocupação artística e quilombola do município de São Paulo, Casa Amarela Quilombo Afroguarany, localizada entre os bairros Higienópolis e Consolação, centro da cidade de São Paulo. Anteriormente, o Casarão Amarelo, conhecido primordialmente como a mansão Florentina, havia sido construído nos meados da década de 1920 para abrigar uma família migrante proprietária de lavouras de café no interior do estado paulista.

No decorrer da história desse imóvel, este passou pelo domínio do Instituto Nacional de Previdência Social (INPS), atual Instituto Nacional do Seguro Social (INSS), durante as décadas de 1950 a 1980. Nos anos 1990, tornou-se sede para a formação de uma creche do Tribunal Regional do Trabalho de São Paulo (TRT-SP), onde permaneceu até o início dos anos 2000. É importante ressaltar que o imóvel ficou 13 anos sem qualquer função social e somente em 2006 foi tombado pelo Conselho Municipal de Preservação do Patrimônio Histórico, Cultural e Ambiental da Cidade de São Paulo (CONPRESP), por meio da Resolução 03/06, que também inclui o tombamento patrimonial de mais dois casarões da rua da Consolação.

Sem um plano de restauração ou função social definidos para esse imóvel, no ano de 2014, artistas independentes, em sua maioria negros e indígenas, provenientes de diversos coletivos de arte urbana, como teatro, música e dança, deram início à ocupação sociocultural. Com o objetivo de reivindicarem um espaço no centro da cidade para expor e expressar suas multiculturalidades (BEZERRA, 2020).

Em 2015, o coletivo Laboratório Compartilhado Todo Mundo (TM13), responsável pela gestão da ocupação, visando a ressignificação desse espaço ocioso por meio da realização de eventos e atividades socioculturais e educacionais, começou a acolher crianças, jovens e adultos, cumprindo as Leis nº10.639/2003 e a atual nº11.645/2008, que estabelecem a obrigatoriedade de abordar a temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”. O coletivo se autodeclarou como um território quilombola, passando a ser chamado de Casa Amarela Quilombo Afroguarany, devido à sua função social na reprodução das culturas afro-brasileira e indígenas por meio da educação social e das atividades artísticas (BEZERRA, 2020).

Ao observarmos a constituição desse processo de aquilombamento em decorrência da importância dessas normativas legislativas, esse novo quilombo promove elementos simbólicos por meio de atividades abertas a públicos de todas as faixas etárias. Essas atividades já incluíram cursos de Capoeira de Angola, alfabetização da língua Guarani, confecção de instrumentos como o Berimbau, oficinas de contos africanos e indígenas, danças tradicionais, entre outras ações que promovem encontros entre corpos, conforme destacado por Beatriz Nascimento ([1985] 2006).

Além disso, por meio da resistência da periferia no centro urbano, ao proporcionarem espaços e diálogos abertos para o fortalecimento das identidades negras em São Paulo, essas iniciativas permitem uma comunicação com a educação formal das escolas e redes de ensino, em correlação com o ensino não institucional por meio da oralidade e da troca de saberes étnico-culturais que os quilombolas e coletivos abordam nestes espaços (SOUZA, 2008). Portanto, essa iniciativa se constitui como um projeto político afrodiaspórico, em consonância com as preocupações de Abdias do Nascimento (2004) sobre a formação da identidade negra por meio do TEN (Teatro Experimental do Negro) e com os apontamentos de Nilma Lino Gomes (2011a) ao enfatizar a educação como um dos principais veículos de luta do MN.

Concomitantemente, ao acolherem artistas e manifestações culturais como o grafite, o RAP e o *Dancehall* (movimento cultural de origem jamaicana), além dos elementos identitários quilombolas e indígenas já citados, como a capoeira e o curso de língua Guarani. Essas iniciativas formam e ressignificam elementos identitários das propostas quilombistas, para além da ancestralidade e da memória coletiva na formação de uma paisagem simbólica.

Dessa forma, o ato de aquilombamento da Casa Amarela se destaca como parte de um projeto político que não apenas promove antigos elementos culturais representativos, mas aborda questões contemporâneas, como o direito à moradia e espaços emancipatórios negros, culturais e educacionais no centro da cidade de São Paulo.

2. Quilombaque

O grupo Quilombaque teve sua origem em 2005, por um coletivo de percussão formado por jovens que residiam no bairro Perus, localizado na periferia da cidade de São Paulo. Ao longo dos anos, a Quilombaque se tornou um centro de convergência de oficinas e projetos abrangendo diversas áreas, como educação, produção cultural, artesanato, educação ambiental e turismo comunitário das culturas afro-brasileiras. Além disso, o grupo desempenha um papel fundamental na preservação e celebração da história do bairro, com ênfase nas lutas operárias.

A Quilombaque também faz parte do Movimento Cultural da Periferia (MCP), uma iniciativa que busca chamar a atenção para a carência de infraestrutura e políticas culturais voltadas para as comunidades localizadas nas áreas periféricas. Desde 2007, o grupo tem colaborado com as autoridades públicas, apresentando projetos de produção cultural para as várias instâncias governamentais.

No ano de 2011, enfrentaram a primeira tentativa de desapropriação do terreno onde a sede da Quilombaque está localizada, visando a criação de um parque municipal, esse momento desafiador levou à aproximação da Quilombaque com professores e estudantes da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (FAU-USP). Juntos, decidiram forjar uma parceria com o propósito de proporcionar capacitações técnicas para os moradores de Perus. Essas formações abrangeram diversas áreas, incluindo projeto arquitetônico, urbanismo e ecologia.

O pesquisador Pedro Vianna Godinho Peria no artigo “A ação da Comunidade Cultural Quilombaque no campo do patrimônio cultural” de 2022, comenta que as ações desse grupo, compartilham muitos pontos em comum com os movimentos de reinterpretação do termo "periferia" descritos por D'Andrea (2013). Segundo o autor, os movimentos culturais e artísticos que emergiram nos espaços muitas vezes negligenciados pela ação política, ressalvam outros novos significados nos debates políticos nas periferias.

Assim, os corpos que participam e compõem as atividades e pautas abordadas na Quilombaque, constroem paisagens simbólicas ao formentarem a cultura negra adentro do espaço urbano, realçando símbolos e significados em pautas entrelaçadas nas vidas negras presente nas zonas periféricas da cidade.

3. Coletivo Capoeira para Todes

Outra organização de aquilombamento cultural é o Coletivo Artístico Capoeira para TodEs (CPT), criado por um grupo de amigas em 2019 na cidade de Campinas, interior de São Paulo. O coletivo realiza performances, rodas de conversas, palestras, *workshops* e oficinas que abrangem diversas manifestações corporais ancestrais, incluindo o *vogue*, criado na cultura *Ballroom* por gays, mulheres trans e travestis negras latinas nos subúrbios dos Estados Unidos, e a capoeira, a qual coletivo entende como uma entidade e manifestação de pertencimento afro-brasileiro, autoconhecimento e autoaceitação do corpo negro (CAPOEIRA, 2022).

Em 2023, o coletivo iniciou suas oficinas no município de São Paulo, ministradas por Puma Camillê, Jhordan Lunarte e Quântika, os encontros foram iniciados de formas dinâmicas, sem lugares fixos, utilizando praças ou espaços culturais no centro da cidade.

Os encontros têm como objetivo principal tornar as informações acessíveis às pessoas LGBTQIAPN+ subrepresentadas na política e às pessoas em situação de vulnerabilidade social, relacionando os conhecimentos e perspectivas adquiridos por meio das vivências compartilhadas oralmente nas comunidades *Ballroom* e rodas de capoeira.

Ambas essas comunidades afrodiaspóricas têm suas raízes na resistência de corpos negros e, portanto, incorporam saberes e visões de mundo provenientes diretamente da África, bem como conhecimentos adquiridos por meio de experiências na sociedade em geral em perspectivas afrocentradas e decoloniais.

Dessa forma, as ações do CPT atingem os ideais do quilombismo, ao se atualizarem e unirem inspirações etnográficas da luta do movimento negro brasileiro e latino-americano. Destacando, sua resiliência ao aprofundarem múltiplas manifestações culturais através de seus corpos, seja em espaços variados, não tendo a estrutura de um local fixo como nos casos da Casa Amarela Quilombo Afroguarany e a Comunidade Quilombaque.

Sendo assim, é possível compreender como ocorre a produção do espaço racializado, a partir da valorização da negritude no ativismo do quilombismo urbano. Logo, as múltiplas ações de aquilombamento, fica evidente que as três organizações mencionadas desempenham funções cruciais na construção e expressão das corporeidades negras, por meio de suas atividades culturais que promovem a arte e a estética negra urbana em diferentes estruturas (Figura 1).



Figura 1 - Esquema das relações entre os grupos estudados



Fonte: autor, 2023.

Nesse contexto, é importante destacar que tanto a Quilombaue quanto o Quilombo Afroguarany, incorporam em suas estratégias a capacidade de recriarem paisagens simbólicas por meio da promoção de atividades culturais que contribuem para construções identitárias. Embora apresentem diferenças devido às suas histórias de movimento e localizações urbanas, que envolvem nuances socioespaciais, como uma ocupação artística no centro ou uma reivindicação de espaço cultural na periferia, ambos compartilham o propósito de proporcionar conforto e aceitação, abrangendo elementos significativos na consolidação de paisagens culturais ditas pelos discursos dominantes como periféricas.

Além disso, é possível observar a partir de suas inspirações etnográficas a busca por ressignificações tanto imateriais quanto materiais por parte do Coletivo Capoeira para TodEs e a Casa Amarela. No âmbito material se vincula o autoconhecimento do corpo negro *Queer* que independente do espaço que está presente, fomenta o aquilombamento cultural, assim como o Quilombo Afroguarany, que, mesmo localizada em um patrimônio tombado originalmente para a preservar a história da elite branca ligada ao café em São Paulo, assume um papel de ressignificação negra no centro da cidade, seja em termos simbólicos ou materiais.

Portanto, o corpo negro, seja o destacado no CPT ou na Quilombaue, enquanto protagonista do aquilombamento cultural através da afrodiáspora por meio dessas práticas artísticas, é enaltecido e celebrado, quebrando rupturas entre o passado e presente, desmistificando estereótipos e proporcionando uma redefinição de identidade e senso de

perencimento, seja o sujeito negro da periferia ou o jovem negro *Queer* em busca de se autoconhecer.

Logo, essas três organizações se configuram como espaços de resiliência no âmbito do quilombismo urbano, através do empoderamento e fortalecimento, reiterando a importância da cultura afro-brasileira na sociedade e reivindicando espaços de representatividade e visibilidade.

Assim, essas atividades culturais também facilitam a criação de redes de apoio e solidariedade entre os corpos negros, estabelecendo laços comunitários e promovendo a troca de saberes ancestrais. Essas práticas culturais e educacionais contribuem para a construção de um imaginário coletivo que desafia a supremacia branca e subverte narrativas discriminatórias (NASCIMENTO, 1979).

Desse modo, ao unir a territorialidade negra com o corpo negro e o conceito de aquilombamento cultural por meio das ações mencionadas, essas manifestações artísticas e políticas se tornam instrumentos poderosos de resistência, transformação social e afirmação das identidades negras contemporâneas nas dimensões simbólicas e raciais do espaço geográfico.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Verifica-se que as três mobilizações socioculturais reafirmam as diversas identidades e as resiliências do quilombismo urbano por meio da arte e da educação, especialmente no que diz respeito aos itinerários atuais dos movimentos negros. Assim, as variadas estratégias de resgate e autoafirmação adotadas por essas organizações, condicionam suas potencialidades por meio da utilização da tecnologia ancestral do aquilombamento cultural. Isso resulta em distintas e complexas dimensões raciais do espaço a serem vivenciadas e acompanhadas futuramente.

A Casa Amarela Quilombo Afroguarany, por estar situada em um casarão no centro de São Paulo, em um espaço historicamente branco e elitizado, ressignifica e cria novos lugares de referência afroguarany por meio de suas atividades culturais. Por sua vez, a Quilombaque promove espaços na periferia para o fortalecimento da cultura negra, destacando a importância do aquilombamento nas favelas, as quais majoritariamente são formadas por corpos negros. E por fim, o Coletivo Capoeira Para TodEs destaca a noção do corpo negro sem um lugar fixo, evidenciando que a territorialidade negra não se baseia somente no território físico, mas também em corpos negros, carregados de ancestralidades, buscando romper com os estereótipos e reivindicando visibilidades para as corporalidades LGBTQIAPN+.

Percebe-se que o quilombismo urbano é sustentado por uma resiliência histórica que se estende até os dias atuais, incorporando elementos do movimento negro contemporâneo em São Paulo. Esses grupos, seja através das manifestações artísticas ou da educação, não apenas resgatam o passado, valorizando suas raízes, mas também se destacam no presente ao promoverem e atualizarem itinerários no movimento negro, como a patrimonialização, ocupações culturais urbanas e manifestações latinas-americanas, como o *Vogue* e o *Dancehall*.

Assim, possibilitam diálogos entre passado, presente e futuro por meio de ações que buscam a valorização e o reconhecimento de seus corpos e territórios, fomentando a espacialidade racial e a corporeidade negra a partir de seus próprios referenciais. Resultando em uma ampla área de estudo para ser compreendida pelas perspectivas das Geografias Negras e a Nova Geografia Cultural.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Silvio. **O que é racismo estrutural?** Belo Horizonte (MG): Letramento, 2018.

BEZERRA, Priscila Miranda. **Ocupações artísticas na área central de São Paulo: identidade e resistência em meio a pandemia do Covid-19.** Anais Intercom 2020 - 43º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Salvador: Intercom, 2020. Disponível em: <https://www.portalintercom.org.br/anais/nacional2020/lista_area_DT6-CU.htm>. Acesso em: 05 fev. 2023.

CAPOEIRA PARA TODES. Missão, Visão e Valores. Campinas. 19 out. 2022. Instagram: @capoeiraparatodes. Disponível em: <<https://www.instagram.com/p/Cj5nVx3rPd9/>>. Acesso em: 02 jun. 2023.

CÉSAIRE, Aimé. Discurso sobre a negritude [1987]. Carlos Moore (org.). Belo Horizonte: Nandyala, 2010.

COSGROVE, Denis. A geografia está em toda parte. Cultura e simbolismo nas paisagens humanas. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (Orgs.). **Paisagem, Tempo e Cultura**, Ed. UERJ, Rio de Janeiro, p.92-123, [1989] 2012. Disponível em: <<https://periodicos.uff.br/geograficidade/article/view/12983>>. Acesso em: 03 mar. 2023.

EVARISTO, Conceição. É tempo de nos aquilombar. 2020. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/cultura/em-textos-ineditos-escritores-expressam-desejos-para-2020-1-24165702>>. Acesso em: 09 mai. 2023.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas** / Frantz Fanon ; tradução de Renato da Silveira . - Salvador: EDUFBA, 2008.

FUTATA, Flavia Pimentel Lopes. Manifestações da cultura afrodiaspórica: um diálogo entre o tempo e os processos de transmissão de saberes. **Políticas Culturais em Revista**, v. 14, n. 2, p.



184-196, 2021. Disponível em: <
<https://periodicos.ufba.br/index.php/pculturais/article/view/44210>>. Acesso em: 19 mai. 2023.

GUIMARÃES, Geny Ferreira. Geo-grafias Negras & Geografias Negras. Revista da ABPN • v. 12, n. Ed. Especial – Caderno Temático: **Geografias Negras**, p. 292-311, 2020.

GUIMARÃES, Geny Ferreira. Geografia Antirracista: métodos, metodologias e epistemologias. **Anais XXXII ALAS**, Lima, Peru, 2019.

GOMES, Nilma Lino. Movimento negro, saberes e a tensão regulação-emancipação do corpo e da corporeidade negra. **Dossiê Relações Raciais e Ação Afirmativa**. Contemporânea, n. 2, p. 37-60, 2011a. Disponível em: <<https://www.contemporanea.ufscar.br/index.php/contemporanea/article/download/35/18>>. Acesso em: 12 mar. 2023.

GOMES, Nilma Lino. **O movimento negro educador. Saberes construídos na luta por emancipação**. Petrópolis, RJ: vozes, 2017.

GOMES, Nilma Lino. O movimento negro no Brasil: ausências, emergências e a produção de saberes. **Política & Sociedade**, v. 10, p. 133-154, 2011b. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/politica/article/view/2175-7984.2011v10n18p133>>. Acesso em: 18 mar. 2023.

KILOMBA, Grada. **Memórias da Plantação: Episódios de Racismo Cotidiano**. Rio de Janeiro: Cobogó, p. 7-69, 2019.

KRENAK, Ailton; CAMPOS, Yussef. **Lugares de Origem**. São Paulo: Jandaíra, 2021.

MIRANDA, Eduardo Oliveira. CORPO-TERRITÓRIO, DESENHO E PAISAGEM AFROBRASILEIRA: pode um corpo negro desenhar paisagens? **InterEspaço: Revista De Geografia E Interdisciplinaridade**, 4(13), 62–75, 2018.

MOURA, Clovis. Organizações negras. In: SINGER, Paul; BRANT, Vinicius de Caldeira. **São Paulo: o povo em movimento**. São Paulo. Editora Brasileira de Ciências, 1983.

MUNANGA, Kabengele. **Negritude: usos e sentidos** / Kabengele Munanga. – 4. ed. – Belo Horizonte: Autêntica Editora – (Coleção Cultura Negra e Identidades), 2019.

MUNANGA, Kabengele; GOMES, Nilma Lino. **O negro no Brasil de hoje**. São Paulo. Ed. Global. 2006.

NASCIMENTO, Abdias. do. **O Quilombismo**. Petrópolis: Vozes, 1979.

NASCIMENTO, Abdias do. Teatro experimental do negro: trajetória e reflexões. **Estudos Avançados**, 18(50), 209-224. 2004. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/eav/article/view/9982>>. Acesso em: 12 mar. 2023.

NASCIMENTO, Beatriz. O conceito de quilombo e a resistência cultural negra. Publicado originalmente em: Afrodiáspora Nos. 6-7, pp. 41- 49. [1985]. In: RATTS, A. Eu sou atlântica; sobre a trajetória de vida de Beatriz Nascimento. São Paulo: **Instituto Kuanza**; Imprensa Oficial, p. 117-127, 2006.



OLIVEIRA, Eduardo David de. **Filosofia da ancestralidade: corpo e mito na filosofia da Educação Brasileira**- UFC. 2005 - Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-graduação em Educação Brasileira, Fortaleza (CE), 2005. Disponível em: <<https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/36895>>. Acesso em: 14 jun. 2023.

ÔRÍ. Direção de Raquel Gerber. Brasil: Estelar Produções Cinematográficas e Culturais Ltda, 1989, vídeo (131 min), colorido. Relançado em 2009, em formato digital.

PERIA, Pedro Vianna Godinho. A ação da Comunidade Cultural Quilombaque no campo do patrimônio cultural. **Anais XVII Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura – ENENCULT18**. Salvador – Bahia. 2022. Disponível em: <<http://www.enecult.ufba.br/modulos/submissao/Upload-607/138985.pdf>>. Acesso em: 10 set. 2023.

QUILOMBAQUE: arte, cultura e transformação em Perus. **Comunidade Cultural Quilombaque**. São Paulo, s/d. Disponível em: <<https://tinyurl.com/Quilombaque>>. Acesso em: 02 jun. 2023.

RATTS, A. Eu sou atlântica; sobre a trajetória de vida de Beatriz Nascimento. São Paulo: **Instituto Kuanza**; Imprensa Oficial, p. 61 - 68, 2006.

SÃO PAULO. Resolução n. 3/06. **Prefeitura de São Paulo – CONPRESP Resoluções**. Disponível em: <<https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/cultura/conpresp/legislacao/resolucoes/index.php?p=1137>>. Acesso em 04 dez. 2022.

SOUTO, E. S. S. Aquilombar-se: Insurgências negras na gestão cultural contemporânea. Revista: **Metamorfose**. UFBA, p. 133 – 144. vol. 4 n. 4. 2020.

SOUZA, Bárbara Oliveira. **Aquilombar-Se: Panorama Histórico, Identitário e Político do Movimento Quilombola Brasileiro**. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social). Programa de Pós-graduação Antropologia Social. Universidade de Brasília. Brasília-DF, 2008. Disponível em: <<https://repositorio.unb.br/handle/10482/2130?locale=en>>. Acesso: 07 abr. 2023.